



A casa *da Doutora* *Farnsworth*

Texto **Joana Couceiro**
Ilustração **Mariana Rio**





Que casa tão frágil...

É a casa da doutora Edite,
e é uma casa muito frágil.

Parece um aquário sem água,
ou uma montra com gente.
Ou, ainda, uma caixa camuflada,
em tons de branco, azul, verde e cinzento.

É a casa da doutora Edite,
e é uma casa muito frágil.

Não é de palha, nem de madeira,
nem de tijolo, ou cimento.
A casa da doutora Edite é feita de vidro.
Transparente.

É uma casa muito frágil.
Aparentemente.



II

Era uma vez uma senhora.

Chamava-se Edite, Edite Farnsworth.

A senhora Edite Farnsworth era médica.

Só médica.

Não era de ninguém.

Nem mãe, nem avó.

Era só médica.

E, também, uma médica só.

Só.

Médica a tempo inteiro,
como se o tempo fosse de vidro
(frágil como a casa)
e se pudesse partir.



III

Sem família para encher os dias,
a doutora Edite resolveu construir uma casa
para lhe fazer companhia nos fins-de-semana vazios.

Como se a casa fosse gente.

A doutora Edite escolheu um arquitecto.
Chamava-se Mies, o arquitecto.
O arquitecto chamado Mies
teria que desenhar uma casa para Edite morar lá dentro
e, simultaneamente, uma casa que morasse dentro de Edite.

Como se a casa fosse gente.

A doutora Edite era uma mulher diferente,
um ‘peixe fora de água’
(como é costume dizer-se).

Mies, o senhor arquitecto, aceitou o enorme desafio.
Inventou uma casa que parece um aquário,
mas sem água,
para o ‘peixe fora de água’ viver lá dentro.

Edite gostou da ideia.
O ‘peixe fora de água’,
dentro do aquário sem água,
podia sentir-se como peixe na água, finalmente.

O desenho do arquitecto tornou-se uma casa de verdade.
Podia agora ser habitada: que felicidade!
Lá dentro, a doutora Edite sentia-se abraçada.
Como se a casa tivesse mãos e braços.

Como se a casa fosse gente.



IV

É uma casa como ela,
sozinha, e livre.

Sem portas para fechar,
sem janelas para abrir,
nem paredes a dividir.

Um chão para entrar, e um chão para estar,
e outro chão para o tecto,
todos a flutuar.

Uma casa sem formas muito precisas,
onde os espaços são vagos
e os planos desfocados.

As paredes são janelas e as janelas são paredes.
As portas são janelas (que são paredes)
e as janelas (que são paredes) são portas (que são janelas).

As árvores estão fora.
Ou estarão dentro?
As cortinas são folhas.
No Outono, leva-as o vento.

Truz, truz, truz...





— Quem é?

Pergunta a doutora Edite.

É o verde a bater.

Mas como a porta é janela e a janela é parede...

A natureza fica confusa

e entra sem pedir licença.

Edite não leva a mal.

Gosta da sua companhia.

É uma forma de passar o tempo,

ou de ver o tempo passar.

Primavera, Verão, Outono, Inverno.

Primavera, Verão, Outono, Inverno.

Noite, dia, noite, dia.

Dia a dia, dia a dia.

É uma casa tão especial

que vem gente de toda a parte para a visitar.

São excursões e excursões,

peregrinos, procissões.

E a casa que parecia uma montra com gente

transforma-se numa montra de verdade.

Narizes esborrachados no vidro,

olhos esbugalhados, curiosos, cabeças a pensar:

— Quem me dera aqui morar...

Lá dentro vê-se um lugar quente,

uma mulher diferente

e um cão a dormirar.

— Quem me dera aqui morar...



VI

Mies, o senhor arquitecto, fez um trabalho exemplar.

A casa que parecia uma montra tornou-se montra de verdade.
E quanto à história do aquário,
o melhor é nem pensar...

Quando o Inverno é duro e a Primavera aquece,
a neve transforma-se em água
e o rio Fox, mesmo ao lado, acorda e enfurece.

Levanta-se do leito e espalha-se pelas margens.
Água por todo o lado, dentro e fora do aquário,
a transbordar.

Pobre ‘peixe fora de água’...
O seu aquário sem água
encheu-se de água dentro.

Parece um barco casa,
ou uma casa ilha,
deserta, vazia.

Sem mulher, nem cão,
nem narizes esborrachados,
ou olhos esbugalhados.

Temporariamente.

Peixe que nasce peixe,
mesmo que seja fora de água,
não deixa de sonhar.

Sonha, sonha, Edite sonha...



VII

Edite e Mies conheceram-se num jantar de amigos.
E, entre amigos, tornaram-se amigos também.
Há quem diga que foram até namorados
e, como muitos namorados, acabaram zangados, sem se falar.

O arquitecto desenhou a casa e, na hora de a habitar,
queria decidir, ainda, o que Edite podia levar.
Móveis, cortinas, tapetes, objectos, memórias...,
toda a vida de Edite estava proibida de entrar.

A doutora zangou-se com o arquitecto
e acabaram a discutir na sala do tribunal.
Edite reclamava:
— A casa inunda frequentemente!

Mas o que é que o senhor juiz podia fazer?
A casa parecia-lhe um aquário
e aquário que é aquário
tem água lá dentro.

Bateu com o martelo na mesa,
como se a verdade precisasse de ser bem martelada,
e decidiu dar razão ao arquitecto:
— A doutora Farnsworth tem que pagar!

Mas aqui para nós, que ninguém nos ouve,
o problema de Edite não era a água no aquário.
O verdadeiro problema era o arquitecto
que estava a meter o nariz onde não era chamado.

Assim como todos os narizes esborrachados,
e todos os olhos esbugalhados.



VIII

É uma casa cheia de problemas.
Como todas as casas são:
lâmpadas fundidas, sanitas entupidas,
persianas encravadas, fechaduras avariadas,
torneiras que pingam, pinga, pinga, ping, ping...

Casa que é casa está em constante manutenção.
Mas além das avarias correntes,
a casa da doutora Edite enche-se de água constantemente.
Inundação, atrás de inundação.

Ainda assim, continuamos todos a pensar:
— Quem me dera ali morar...
Sabe-se que pertenceu, depois, a um Lorde coleccionador
que teve dinheiro para a comprar.

O arquitecto, chamado Mies, ganhou a causa em tribunal.
O coleccionador, chamado Palumbo, comprou a casa a Edite.
Mas a doutora, chamada Farnsworth (o nosso ‘peixe fora de água’),
foi quem melhor a soube habitar.

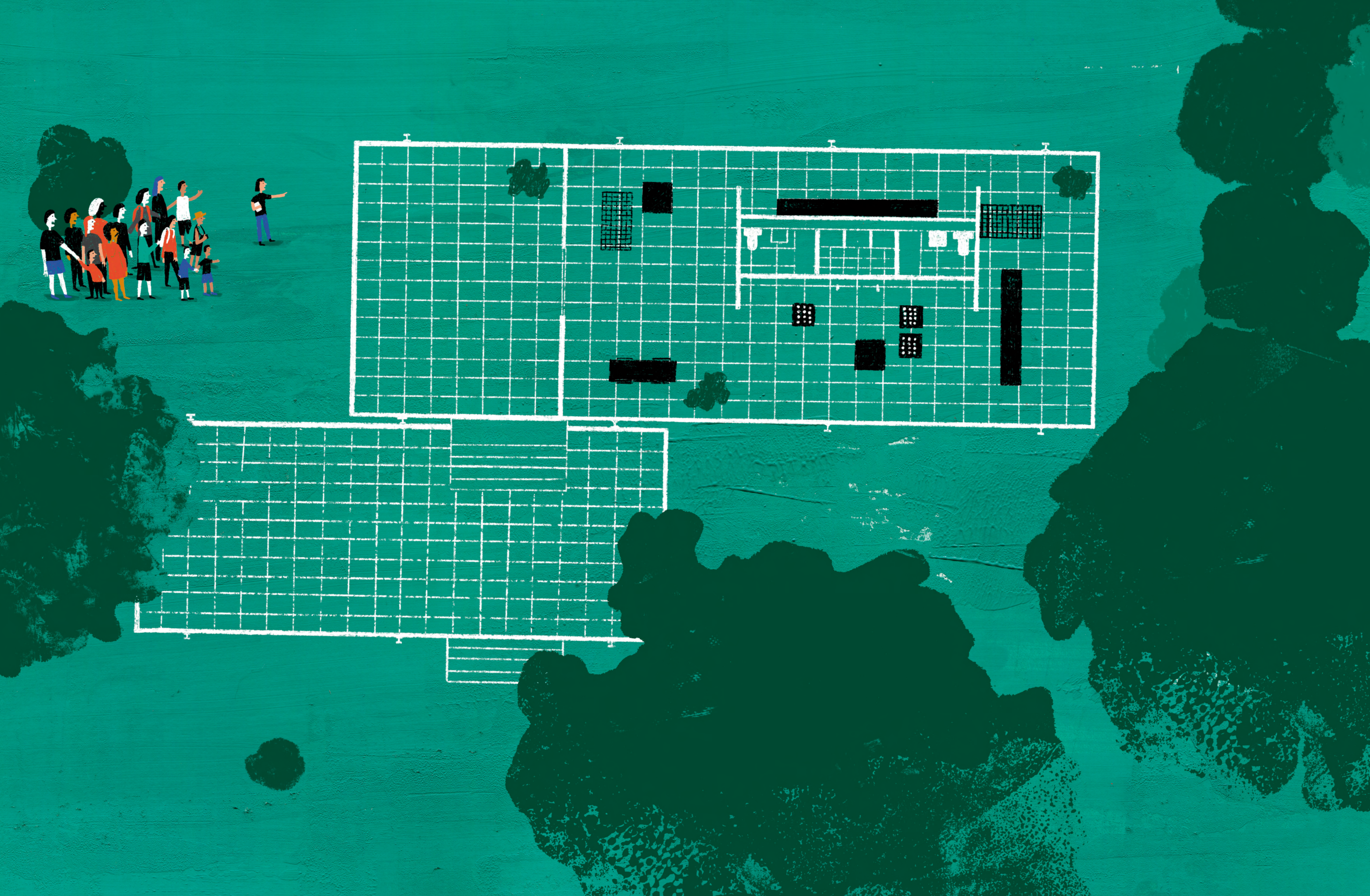
Casa montra, feita aquário.
De vez em quando, ilha; outras vezes, barco.
Não pára de transformar-se, continua a desenhar-se.
De mão em mão.

Parece frágil, mas perdura,
mesmo nas tempestades.
Intemporal.

Construiu-se com verdade.
É transparente.
De vidro.

Cuidado...

Pliim.





A casa *da Doutora* *Farnsworth*

Texto **Joana Couceiro**
Ilustração **Mariana Rio**

colecção

Casas com nome

título

A casa da doutora Farnsworth

texto

Joana Couceiro

ilustração

Mariana Rio

História baseada na tese de doutoramento em arquitectura
“A habitabilidade do espaço doméstico. O cliente, o
arquitecto, o habitante e a casa” de Ana Luísa Rodrigues

edição

Circo de Ideias

design gráfico

Studio Dobra

© da edição

Circo de Ideias – Associação Cultural,
Joana Couceiro, Mariana Rio

primeira edição

Setembro 2018

ISBN 978-989-54131-1-9

depósito legal 000000/00

apoios

República Portuguesa – Cultura /
Direcção-Geral das Artes

contactos

Circo de Ideias – Associação Cultural
Rua da Boavista 330, 4050-102,
Porto, Portugal

www.circodeideias.pt

